

## O PENSAMENTO [DO SER] DA TÉCNICA EM HEIDEGGER - II: SER “NO NADA”, NADA “NO SER”.

*The Thought (of Being) of technique on Heidegger – II:  
Being “on nothing”, nothing “on Being”.*

José Ricardo Barbosa Dias  
UFPI

**Resumo:** Trata-se aqui com o título: “O Pensamento [do Ser] da Técnica em Heidegger – II: o ser “no nada” e o nada “no ser”” de dar continuidade à *questão do pensamento* em Heidegger como tentativa inicial de responder o que tem sido a nossa questão-guia: Como se relacionar livremente com a técnica sendo ela nosso destino? Nosso projeto de artigo, como já exposto na parte I, dá-se em dois momentos básicos, nos quais indicamos dois aspectos do pensamento *do ser* que nos permite uma relação livre com a técnica: a possibilidade (I) e o nada (II). Aqui apresentaremos a parte II. Esta consiste, por sua vez, na explicitação de duas proposições tiradas do texto heideggeriano, *Carta sobre o humanismo*, que correspondem às duas expressões, que constituem o subtítulo de nosso artigo: o ser “no nada” e o nada “no ser” e que, junto com o ser como possibilidade, visa atingir a determinação do que seja o pensamento como tal do ser, aquele que nos põe em liberdade com o nosso destino (envio-história): a técnica.

**Palavras-Chave:** Heidegger. Técnica. Pensamento. Nada.

**Abstract:** That’s the title: “The thought [of Being] of technique on Heidegger - II: Being “on nothing” and nothing “on Being” continuing *the question of thought* in Heidegger as primary attempt to answer what has been our key-question: How ones to relate freely with the technique insofar as our destiny? Our article project, as already explained in Part I, occurs in two basic moments in which we indicate two aspects of the thought *of Being* that allows us a free relationship with the technique: the possibility (I) and nothing (II). Here we present Part II. That is, in its turn, the explicitness of two propositions taken from Heidegger's text, *Letter on Humanism*, which correspond to the two expressions, which constitute the subtitle of our article: being “on nothing” and nothing “on Being” and which, along with being as possibility, aims to achieve the determination of what is thought as such of Being, that puts us in freedom with our destination (send-history): the technique.

**Keywords:** Heidegger. Technology. Thought. Nothing.

*Se o nada deve ser questionado – ele mesmo -,  
então é preciso que esteja primeiramente dado.  
(HEIDEGGER, 2008a, p.118)*

*O ser “é” ele mesmo. O pensar do futuro precisa  
ainda aprender a experimentar e dizer isto.  
(Id., 2008b, p.343-4)*

*Expulso da verdade do ser, o homem circula por toda a parte  
ao redor de si mesmo como animal rationale  
(Ibid., p.355)*

## 1. Introdução

O presente texto é uma continuidade de nossa tentativa de explicitação da questão da técnica em Heidegger no que concerne a sua preocupação essencial quanto a essa questão: o pensamento [do ser] na contraposição ao pensamento [da técnica] no mundo atual como expressão final do que o filósofo chama de *esquecimento do ser* pela metafísica clássica.

O que está aqui em jogo é a ideia básica, exposta por Heidegger, em seu texto de 1959 — *A questão da técnica*. A técnica é a determinação metafísica do ente na totalidade no mundo atual. Heidegger diz essa determinação metafísica, enquanto técnica, a partir de dois conceitos básicos: dispositivo ou armação (*Gestell*) que a tudo torna disponível (*Bestand*), como fundo de reserva a ser manipulado, utilizado pelo homem, ou seja, tal determinação não deixa o ser, ser, mas *antes* o determina, assim, como disponibilidade. Mais que isso, aprisiona-o nesse sentido, e nisso, toda ação e teoria, que vive dessa determinação, torna-se impositiva e não libertadora da questão do ser, o quer dizer: em última instância, o pensar no ocidente foi determinado pelo pensamento da técnica nos termos do esquecimento do pensamento do ser.

Assim, somente para citar algumas esferas do pensamento, a Política, nesse contexto metafísico, passa a ser a determinação metafísica (técnica) da vida na pólis; a Estética, a determinação metafísica (técnica) da arte e do belo; a Ética, a determinação metafísica (técnica) do bem; a Antropologia Filosófica a determinação metafísica (técnica) da essência do homem; a Epistemologia a determinação metafísica (técnica) do conhecimento e da verdade; e etc., ou seja, o âmbito do pensamento ocidental está

de há muito, segundo Heidegger, contaminado por tal metafísica. Daí ele esperar por um “novo começo” do pensamento no/do ocidente, um pensamento *do ser* e não unicamente *da técnica*.

Considerando esse nexos: técnica, ser e pensar, bem como a situação do pensamento (fora do seu elemento: o ser), e guiados por nossa questão básica — como o homem pode manter-se livre, i.e., em sua “essência” humana, face à técnica moderna enquanto seu destino? — trabalharemos o outro aspecto<sup>1</sup> do pensar [do ser] em Heidegger, a saber: o ser *como*<sup>2</sup> nada, que pode nos conduzir a um livre relacionamento com a técnica, em sua essência, como disponibilidade do ser em sua totalidade.

Nosso texto se dará em dois momentos, nos quais explicitaremos duas citações básicas de sua *Carta sobre o humanismo*, que correspondem às expressões: ser “no nada” e nada “no ser”. A primeira expressão remete-nos à tese do ser como *posição* de Kant e da escolástica como diferenciação entre *essência* e *existência* tal como trabalhado no texto heideggeriano: *Los problemas fundamentales de la fenomenologia* (1927). A segunda, por sua vez, remete-nos ao tema da *angústia* tal como trabalhado no *Ser e tempo* (1927) e no *Que é metafísica?*(1929) de Heidegger.

Na conclusão buscaremos indicar o que há de básico, de unidade, nas duas partes de nosso artigo: no ser como possibilidade e no ser como nada, no que toca à determinação de nossa relação livre com o pensamento da técnica. O que denominamos de “relatividade produtiva”.

## 2. Ser “no nada”

*O ser é o mais longínquo que qualquer ente*  
(HEIDEGGER, 1987, p. 56)<sup>3</sup>

<sup>1</sup> O primeiro aspecto: ser como possibilidade, foi trabalhado na parte I desse artigo, publicado na **Pensando - Revista de filosofia** Vol. 5, Nº 10, 2014, p.110-122.

<sup>2</sup> Esse *como* é equivalente à *Interpretação Originária*. E *originário* diz do caráter ontológico da hermenêutica em Heidegger.

<sup>3</sup> Na tradução que estamos usando soa assim: *O ser é essencialmente o mais amplo que todos os entes* (HEIDEGGER, 2008b, p. 344 ). Nesse momento do texto, optamos pela de Portugal por manter o caráter de proximidade e distância do ser na relação com o ente. Em *Ser e tempo* tal proposição equivale a: *O ser [dos entes] não “é” em si mesmo um outro ente* (HEIDEGGER,1989, p.32).

Nada de ente no ser. Ser não é ente algum. Um ponto de partida possível para se entender essa posição a que chega a ontologia de Heidegger, sem que isso signifique um nihilismo, é a tese de Kant sobre o ser. A tese de Kant diz que o ser não é um predicado real (HEIDEGGER, 2000, p. 35-107). Ele “é”, antes, posição, isto é, efetividade ou existência. Esta, por sua vez, é uma categoria modal de toda experiência empírica. Ser é determinado aí, portanto, embora livre da cópula, na relação com a subjetividade, com o entendimento.

A tese de Kant, segundo Heidegger, já está na escolástica e sua diferenciação entre essência e existência (Ibid, p. 108-171). A escolástica toma a efetividade ou a existência, porém, como pertencendo à coisa mesma enquanto coisa criada, ou seja, não como algo da subjetividade do sujeito. Contudo, enquanto algo criado, quem dá efetividade ou existência à coisa é Deus. Ser é dito, portanto, em sua riqueza para além da cópula, na relação com Deus.

Heidegger, opondo-se a essa postura, aceita que ser não seja um predicado real. Aceita que haja no ser uma riqueza maior que seu sentido ligado à cópula do juízo (Lógica). Contudo, não aceita que ela deva ser dita e que ela esteja na sua determinação como efetividade ou existência, seja na relação com a subjetividade como categoria do entendimento, seja na relação com Deus como criação. Ser é determinado, por Heidegger, na relação com o nada. Nem subjetividade, nem Deus definem a natureza do ser, pois aí, nessa forma de determinação do ser, se dá uma redução do ser à efetividade ou existência. O nada diz melhor o ser, pois, ao revelá-lo, em sua riqueza, como livre da cópula e da efetividade ou da existência, o livra, o distingue, de todo ente. O ser revelado “no nada” é experimentado na angústia.

Do mesmo modo que a *mística medieval* se utilizou do *nada* para dizer a superessência de Deus frente a toda criatura<sup>4</sup>, Heidegger se utiliza do nada para dizer o ser. Ser é nada frente a todo ente. Com a experiência do nada na angústia (HEIDEGGER, 1989, §40; 2008a, p.121-123 ), revela-se que “o ente é”, “[...] está no ser”(Id, 1992, p.42), não é nada. Ser, por sua vez, não é ente e supõe mundo *já* aberto

<sup>4</sup> Não que Mestre Eckhart diga que Deus seja um nada, mas sim que sua *deidade* seja um nada frente a toda essência criada. Daí que, não se pode dizer que Deus seja, que seja efetivo ou exista, pois, não obstante a escolástica afirmar a coincidência em Deus da essência e da existência, seria acrescentar-lhe algo que é atributo da criatura, posto que a existência guarda essa ideia de algo que é acrescentado ao possível e que o torna atualizado.( HEIDEGGER, 2000, p. 123-4; 2007, p. 52-3)

ou o *como* hermenêutico. Tal mundo se mostra, nessa experiência do nada, em sua possibilidade de perda. Perder mundo é ser-para-a-morte. Isso revela um nexo de ser com o tempo finito. Tempo, em si mesmo, é nada; ele passa, e, no que passa, revela ser. Ser é tempo. Nisso consiste o horizonte onto-hermenêutico: ser e tempo finito, que se mostra na possibilidade da falta radical do *como* hermenêutico ou do sentido.

Ser é predicado finito, diz a mística medieval, mas na distância com ela, Heidegger diz: ser não é efetividade ou existência, uma vez que é tempo. A mística medieval preocupada com a *diferença teológica*, aceita que ser seja efetividade ou existência, e, por isso, afirma o nada como superessência de Deus e nunca que ele exista, pois seria atribuir-lhe um predicado finito. Heidegger está preocupado com a *diferença ontológica*, daí porque, embora aceite que ser não seja um predicado real, não aceita que ele se reduza a efetividade ou a existência. Por isso, o afirma como nada frente a todo ente. A sua não realidade é também a sua não efetividade ou existência, ou seja, ser *dá-se* na existência angustiada, *dá-se* na relação com o nada.

Nessa questão, basicamente, está a reação heideggeriana a Hegel: a hermenêutica própria da *Ontologia fundamental* como *Interpretação originária* é algo de outro que a dialética. É outro tratamento dado à questão do ser enquanto nada, em oposição a uma “metafísica objetiva” (HEIDEGGER, 2012, p.49), que, na atualidade, tem alimentado a filosofia. O nada é a questão a ser superada em Hegel, uma vez que essa questão é a que dá identidade à filosofia frente ao *logos* representacional e metódico, e sua culminância na ciência positiva, que, como disse Heidegger, trata de tudo menos do nada (2008a, p.115-6). Reagir a Hegel é reagir ao modo de tratamento filosófico dado ao nada em seu sistema dialético.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Ser, “imediatamente indeterminado” (HEIDEGGER, 1989, p.28; 2008c, p. 444-9). Ser não é mediado pelo conceito (sujeito), logo é imediato e sendo que não cabe no conceito é indeterminado. Daí ser nada. O ser para Hegel é nada, pois escapa a toda mediação do sujeito e sua consequente determinação. Contudo, esse nada não é, segundo Heidegger, bem determinado por Hegel. Ele é visto como oposição, momento a ser superado (momento grego: sem mediação do sujeito, ou seja, momento estético de uma objetividade pura ou ingênua, porque não mediada) (Id, 2008c, p.441-7.).

### 3. O nada “no ser”

*O ser é o mais próximo.*  
(HEIDEGGER, 1987, p. 56 )

Ser é experimentado na angústia. Heidegger nomeia, explicitamente, a relação ser e nada como sendo a própria metafísica. Ele pretende mostrar esse nexos ser e nada sem apreendê-lo num conceito, o que antecipadamente encobriria nossa visão. Só quem “vê” na angústia a possibilidade do nada, põe-se “diante” do ente no fato de ser. Portanto, ser e nada não se opõem, mas se revelam um no outro na angústia, na qual se dá a fuga do ente em sua totalidade. A raridade da angústia somente revela que o nada é algo que, a mais das vezes, se oculta. Ele raramente nos vem. Logo, o ente sempre nos vem, contudo, raramente no fato de que ele “é”. De que somos no ser. O nada, diz Heidegger, assim, ao nadificar nos remete ao ente no *fato* de ser. (2008a, p.124-5.)

Todavia, esse nadificar do nada está sempre atuando, ele não é só um momento, uma vez que sempre o ente está a nos vir. Ocorre que é só na angústia, encontro com o nada, que o ente nos vem, explicitamente, no fato de ser, ou seja, de não ser nada. Isso mostra que o nada é sempre presente. Mostra que somos, porque previamente “suspensos no nada” (HEIDEGGER, 2008a, p.125), lançados diante de o fato que o ente “é” e não nada (Ibid., p.124). No fato do ente ser, acontece o nadificar do nada. Nisso consiste, segundo Heidegger, a nossa transcendência: no nadificar do nada, no estar suspenso “dentro” do nada, que remete ao ente no fato de ser (Ibid, p.125), ou seja, na diferença ontológica. E, nisso, dá-se a revelação fática de nossa diferença a todo ente.

Nada e ser se dão numa “co-pertinência originária” (LEÃO, 1977, p. 256) do mesmo modo que tempo e ser, uma vez que, por um lado, ser é tempo, mas não é temporal, isto é, algo que se passa *no* tempo. Ele “não está no tempo”. (HEIDEGGER, 1991, p.206) E, por outro, que “tempo passa” e nisso ele “é”. No passar do tempo, do mesmo modo que no nadificar do nada, “fala ser” (Ibid, p.206). “Ser e tempo

determinam-se mutuamente” (Ibid., p 206): ambos *não são* coisas, *não são* intratemporais. Não estão, portanto, numa relação de oposição dialética. Ambos são *nada*. São totalidades de ser. Nada e totalidade não se definem, mas são “experimentados” na angústia.

#### 4. Conclusão

*O pensar trabalha construindo a casa do ser*

(HEIDEGGER, 2008b, p.371)

Todo o esforço da filosofia consiste em dizer o ser. O pensar trabalha na edificação da casa do ser, ou seja, na edificação da linguagem que lhe é apropriado. Aquela que lhe dê guarida. Aquela que não dissocia, mas diz ser na co-pertença ser-possível-nada. Somente guiados por uma *Interpretação Originária* do pensar, aquela que aceita o fato de que o pensamento é *do ser* e não da técnica, essa co-pertença nos vem. Somente aqui, nesse horizonte, toda proposição assume, o que já enunciamos na parte I desse nosso artigo ( p.118.), o caráter de uma “relatividade produtiva”, ou seja, ao remeter ser ao ser-possível-nada, remetemo-lo à sua essencialização como abertura para possibilidades infinitas de ser, mas finitas em sua realização, posto que nunca “soltas no ar”.

Para tanto, precisamos nos livrar da “[...] interpretação ‘técnica’ do pensamento” (HEIDEGGER, 2008b, p.327). Sinal de tal libertação, de que estamos ficando livres, no caminho da libertação de tal interpretação é o pôr o nosso viver numa linguagem que guarda a diferença ontológica, que aceita que no dizer o ser vivemos na “[...] pobreza essencial do pastor[...]” (Ibid, p.355), na indigência da linguagem (Hölderlin).

A *questão do nada* é, portanto, a questão de fundo de uma *Interpretação originária* do pensamento do ser. Com o “ente está no ser” (HEIDEGGER,1992, p.42) ela diz, primeiramente, que o ente está na não realidade e não efetividade. E, ainda, que, sendo esse ente, nós mesmos, tal ente é, de um lado, o *poder* de fazer a diferença, e de outro, é no *acontecer* da diferença. E, por fim, é na fundação nula

desse acontecer, uma vez que é, enquanto finitude que se é, na negação de si-mesmo. *Interpretação originária* é originária porque vê e se mantém no nada revelador do ser.

O que a técnica ameaça, portanto, é o pensamento como tal, originário, do ser. Ora, não há como pensar o ser sem pensar o nada.<sup>6</sup> Nesse sentido afirmar o nada é afirmar o pensamento *do ser*. O pensamento que pensa na co-pertença ser-possível-nada, e que, portanto, mantém-se num reduto não tecnicável. É afirmar, por fim, a forma livre de nos relacionarmos com a técnica, que, tal como a ciência, “[...] nada quer saber do nada” (HEIDEGGER, 2008a, p.116).

Nesse sentido, perda da nadificação do ser equivale à perda do pensamento do ser, que equivale à perda do modo livre de se relacionar com nosso destino: a técnica. É necessário manter e manter-se numa “instância” no homem não tecnicável, tal instância é o pensamento. Não qualquer pensamento, mas naquele que é *do ser*. Do possível: como o livre (de todo real ). O livre como ocupável (HEIDEGGER, 2001, p.41-2) pelo nada “no ser” e o ser “no nada”. Quando se faz qualquer proposição a partir desse horizonte interpretativo originário tudo fica numa “relatividade produtiva”. Aí, dá-se “homem”, *húmus*, o que vem da terra.

## Referências

CARNEIRO LEÃO, E. *Aprendendo a Pensar*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. vol. I.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Trad. de Márcia de Sá Cavalcante Schuback. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1989. (Parte I)

\_\_\_\_\_. Que é Metafísica? In: *Marcas no caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Carta sobre o humanismo*. Trad. de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

---

<sup>6</sup> Nada como negação da totalidade do ser, pressupõe já se ter-compreender o sentido do todo, do ente em sua totalidade, ou seja, o sentido do ser. Ao dizer nada, *já sempre* compreendemos ser. (HEIDEGGER, 2008a, p. 119). Aqui, na esteira dessa ideia, há possibilidade de algum entendimento acerca da primazia do ser na circularidade com o ente, na questão metafísica, por excelência: por que existe o ser e não *antes* o nada? Como entender esse antes? Isso se mantém como questão para nós, como questão direcionadora de nossa pesquisa.



---

\_\_\_\_. Carta sobre o humanismo. In: *Marcas no caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.

\_\_\_\_. Hegel e os Gregos. In: *Marcas no caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008c.

\_\_\_\_. *A Origem da Obra de Arte*. Trad. de Maria da Conceição Costa, Lisboa: Edições 70, 1992.

\_\_\_\_. A questão da técnica. Trad. de Emmanuel Carneiro Leão. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_. *Seminários de Zollikon*. Trad. de Gabriela Arnhold e Maria de Fátima de A. Prado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_. *Los problemas fundamentales de la fenomenología*. Trad. de Juan José García Norro. Madri: Editorial Trotta, 2000.

\_\_\_\_. *Metafísica de Aristóteles  $\Theta$  1-3: sobre a essência e a realidade da força*. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_. Tempo e ser. In: HEIDEGGER: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. de Ernildo Stein, 4. ed., São Paulo: Nova Cultural, 1991 ( Os Pensadores).

\_\_\_\_. *Ontologia: (Hermenêutica da facticidade)*. Trad. de Renato Kirchner. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

---

Doutor em Filosofia (UFPB/UFRN/UFPE).  
Professor Adjunto do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPI.  
E-mail: [jrbdias@ufpi.edu.br](mailto:jrbdias@ufpi.edu.br)